

Giovanni Henrique de Ávila Rodrigues  
R.A. 001201704883



**ELEMENTOS PSICANALÍTICOS NO MOVIMENTO  
SURREALISTA – ANÁLISE DAS OBRAS DE SALVADOR DALI**

Bragança Paulista  
2022

Giovanni Henrique de Ávila Rodrigues  
R.A. 001201704883

**ELEMENTOS PSICANALÍTICOS NO MOVIMENTO  
SURREALISTA – ANÁLISE DAS OBRAS DE SALVADOR DALI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, do Curso de Psicologia da Universidade São Francisco para obtenção de média semestral.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Evandro Morais Peixoto

Bragança Paulista  
2022

Giovanni Henrique de Ávila Rodrigues. 2022. Elementos Psicanalíticos no Movimento Surrealista – Análise das obras de Salvador Dalí. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia da Universidade São Francisco. Bragança Paulista.

## **RESUMO**

A arte é uma ferramenta presente em todos os contextos da vida do ser humano, desde a sua vestimenta, moradia e bem-estar, mas a sua importância e necessidade para o homem não se resume apenas ao belo, o presente trabalho tem como objetivo analisar como se originou o vínculo entre a psicanálise e o movimento surrealista, um movimento artístico presente até os dias atuais, e as contribuições e influências que tiveram entre si. Para a análise, será levantada a história do surgimento do surrealismo e sua forte ligação com a psicanálise de Freud e, a seguir, a intervenção de Lacan e os artistas do movimento e suas teorias. Serão analisadas as principais obras dos artistas do surrealismo e seus vínculos com a psicanálise, ou a utilização de recursos psicanalíticos para a concepção de obras, assim como sua interpretação do ser humano. O objetivo de analisar as obras do artista Salvador Dalí é mensurar o quão intimamente estão ligados à psique humana, em especial o inconsciente, com as artes e sua importância nessa expressão ao exterior.

**PALAVRAS-CHAVES:** psicanálise; surrealismo; Freud.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	1
2. MÉTODO.....	9
3. RESULTADOS .....	11
4. DISCUSSÃO.....	11
REFERÊNCIAS .....	12

## 1. INTRODUÇÃO

A arte está presente na história desde os povos primitivos, surgindo como um meio de expressão e comunicação. Desse modo, as civilizações pré-históricas utilizavam este recurso sem o valor cultural da contemporaneidade, nesse período era tido apenas como uma ferramenta para representação de crenças, valores, hábitos e costumes. Estas produções eram de origem coletiva, e o artista tinha o compromisso de fazer arte com significados reais de sua vivência. A arte possuía também uma função social, passível de mudanças conforme a época e a sociedade em que está inserida. Portanto, é tida como uma crítica social do artista à sociedade a qual pertencia, outras sociedades com valores e necessidades diferentes. Mudanças globais suscitam novas necessidades e demandas vivenciadas pelos sujeitos, e a arte necessitou adaptar-se e, assim, retratar essas novas questões. Neste processo de constante evolução, demonstra diferentes formas de expor possibilidades frente às suas problemáticas (Biesdorf & Wandscheer, 2011).

Durante o processo de readaptação e transformação, o Renascimento (ou Renascença) é compreendido como uma época de grande importância para a arte, saindo da idade média e dos valores religiosos para explorar mais afincado a literatura, a ciência e a natureza. É a partir do desenvolvimento do antropocentrismo que os valores deixam de ser centralizados em Deus e passaram a centralizar-se no homem e na razão. Buscou-se também os prazeres na vida terrena e proliferou um pensamento crítico e científico (Soares, pág. 44, 2017).

É a partir de Kant (citado por Pereira, 1994) que a questão do belo e a experiência estética se baseiam em dois polos: o subjetivo e o objetivo. O subjetivo representava o sentimento e o sujeito, enquanto o objetivo o próprio objeto. Kant (citado por Santos, 2010) define a estética como aquilo que é capaz de afetar o homem, é a subjetividade do

indivíduo que define o que é belo e não o seu conteúdo, que o objeto em si não contribui para o conhecimento dele enquanto tal, portanto, é necessário um pequeno investimento humano subjetivo na contemplação. Já Magalhães (2008) define estética como a filosofia que estuda o belo ou questões de gosto, mas a ideia de beleza pressupõe um juízo a priori baseado em preconceções do observador que apenas limita a arte com seus preconceitos. O processo de produção de algo que se transforma em arte configura-se como a necessidade do artista em abrir-se para o que vier, limitado apenas a seu próprio preconceito. Dessa forma, é uma projeção do seu interior, das suas intuições, dos seus sentimentos e emoções.

O processo da produção artística, especificamente o Surrealismo, remete a teoria psicanalítica de Freud. Para Nadeau (citado por Rezende, 2011), o movimento surrealista explora o inconsciente, um ambiente que nunca havia sido bem explorado, e dentro dele o sonho, a loucura, estados alucinatórios, o maravilhoso, o que não é lógico. Freud, declarado como o pai da psicanálise, que desenvolveu uma forma de tratamento que proporcionasse todas essas transformações e exteriorização dos conteúdos internos humanos. Foi um psiquiatra com conhecimentos sobre neurologia, demonstrou interesse aos problemas nervosos e em 1885 se encontra com Charcot em Paris. Charcot foi um médico que se dedicou ao estudo da histeria e utilizou a técnica de hipnose para tratamento (Celes, 2005). É considerado que o *zeitgeist* da cidade, considerada uma capital metropolitana do século XX e aberta a todas as inovações desde a arte a ciências, favorecia as novas ideias e abrigava correntes revolucionárias em todos os âmbitos, e Freud pôde aproveitar para o desenvolvimento do que seria a psicanálise. Freud utilizou dos conhecimentos de Charcot e Bernheim no tratamento das histéricas e apresentou uma nova forma e definição de tratamento a partir da associação livre, "uma clínica da escuta:

uma clínica da interioridade, e não mais da exterioridade” (Roudinesco, 2016, p. 81, citado por Nishikawa, 2017).

Para Freud a associação livre consiste em falar absolutamente tudo que se passa pela mente, não omitindo nada por qualquer motivo que o paciente pensar que possa desagradar, é um estado mental quase desacordado onde o falar livremente e sem censuras permite uma cura através da fala (Carvalho & Honda, 2017).

Com isso, Freud também sustenta sua teoria do aparelho psíquico, trazendo na primeira tópica freudiana Inconsciente, Pré-Consciente e Consciência, em que o inconsciente é a verdadeira psique humana, e que este, faz parte de dois sistemas separados, sendo o inconsciente propriamente dito e o pré-consciente, que funciona como uma tela ao sistema inconsciente e consciência, e a este cabe o trabalho de barrar acesso à consciência (Pereira, 1999).

Na segunda tópica, Freud apresenta o ego, id e superego. O id é a instância regida pelo prazer, sem ligação com o princípio da realidade que este cabe ao ego, o id exige satisfação e nele estão as pulsões, reservatório de libido e amoral. Ao superego deriva os elementos éticos da vida, formação da consciência religiosa, o germe da moral e severos padrões, é a interiorização das normas sociais, utiliza de censuras punitivas no ego em contraposto às tendências destrutivas do id. Para compreender a concepção freudiana sobre a subjetividade e necessário entender o ego que é a instância organizadora dos processos conscientes, cabendo a ela controlar, supervisionar, excluir ou reprimir os conteúdos, que estes reprimidos que é inconsciente, sendo um polo regido pela realidade e influenciada pelo mundo externo e interno, controla as as duas outras instancias, Freud define o ego “ como uma pobre criatura que deve serviços a três senhores e, conseqüentemente, é ameaçado por três perigos: o mundo externo, a libido do id e a

severidade do superego" (Freud, 1923/2006, p. 68, citado por Vilaça, 2019) (Vilaça, 2019)

No que concerne a subjetividade, é necessário compreender que a existência de um indivíduo é única em todo o seu modo de pensar, agir e falar, o sujeito é formado a partir da troca de experiências entre o mundo externo e interno a todo momento, reunindo vivências prévias e atuais e, desse modo, criando particularidades únicas (Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica, 2019). Nesse sentido, a subjetividade é composta por dois campos que não são separadas: o aparelho psíquico e o campo pulsional, o primeiro pela própria constituição do psiquismo e o segundo sendo o representante pulsional do simbólico e constituinte do primeiro campo. Para Freud, o inconsciente é o que verdadeiramente constitui a subjetividade, onde está realmente o desejo (Torezan & Aguiar, 2011).

A psicanálise já foi vista como uma forma radical de teoria, sendo uma apresentação para a revolução individual do homem, atividade que se assemelhou ao movimento artístico que surgiu no século XX. Após a primeira guerra e o mundo vivendo uma crise de valores tanto moral quanto ética, no campo das artes surgem movimentos em busca de uma revolução estética que rompesse com o limite do campo literário e artístico e adentrar na política e nas vidas dos indivíduos e transformasse o mundo. Um desses movimentos que mais se destaca é o Surrealismo, a vontade era de irromper na história, trazer a cultura de volta em um campo diferente e criativo, criticando a ordem dominante e repressiva. (Machado & Silva, 2018).

O Surrealismo começou a nascer com o surgimento da revista *Littérature*, na França de 1919 por André Breton, médico psiquiatra e escritor francês, e Philippe Soupault, escritor, jornalista e político francês, o nome surgiu de uma indicação e como uma forma de ironia ao objetivo da revista - que era opor-se à literatura dominante da

época, após o lançamento da primeira edição, o autor Louis Aragon se tornou diretor da revista. Após homenagens da revista a ilustres autores e ao movimento Dadaísta, o escritor francês André Gide lançou um fragmento de poesia na *Littérature*, onde utilizava a prática da escrita livre, sutil e franca “como um rabiscar na folha em branco”, prática que foi mais explorada pelos Surrealista (Portilho, 2019).

Assim, em sua oitava edição, Breton e Soupault tiveram seus fragmentos publicados e utilizaram-se da escrita livre de forma automática, uma escrita livre de moralidades e aceitação, que poderia ser praticada por qualquer um em quaisquer circunstâncias. Em 1922, Aragon deixa a edição da revista e Breton assume, trazendo grandes mudanças e explicitando os seus desejos a alcançar (Portilho, 2019). Breton, anos mais tarde, lançou o *Manifeste de Surréalisme*, que lista 19 nomes do movimento, dentre eles poetas, pintores, fotógrafos e outros artistas. O movimento surrealista tinha o objetivo de ser o questionador da sociedade, do comportamento humano, do sentir e pensar (Ponge, 2004).

Breton fazia parte da ala do Dadá que originou o Surrealismo, e o movimento dadaísta buscava atingir a moral da época, colocando o homem como o centro das criações, um movimento radical de desgosto pela mentalidade burguesa e aos sistemas, seja lógico, moral, elitista ou acadêmicos. A arte passou a ser qualquer coisa e ao mesmo tempo não era nada. Era desprovida de lógica e a favor da ordem natural, caracterizada como antiarte. (Aversa, 2018).

O Dadaísmo, que no dicionário significa cavalinho de brinquedo é conhecido popularmente por Dadá, foi um movimento que se originou em 1916 na Suíça, mais precisamente no cabaré *Voltaire*, onde se reuniam artistas, escritores e estrangeiros exilados, e que durou até meados de 1922. Um dos nomes participantes era o poeta romeno Tristan Tzara, que editava a revista *Cabare Voltaire, Dadá*. No Dadá, pouco

importava sua origem ou seu significado e, a nível superficial, era um movimento radical na arte que ia para os extremos, se fundamentando no subversivo, niilista, anárquico, cético, destrutivo, sendo contra tudo e todos e, por consequência, era Dadá contra Dadá, e contra também a razão, a autoridade, contra convenções e pela liberdade absoluta. Por fim, o Dadá morre na França, liquidado pela ala que dá origem ao Surrealismo (Tringali, 1990).

O Surrealismo preservou alguns destes ideais que não fossem utópicos, como Breton afirmava (Aversa, 2018). Breton além de poeta era psiquiatra e foi significativamente influenciado pelas obras de Freud, que também denotavam a importância do inconsciente na criatividade. O movimento Surrealista e a psicanálise iniciam, então, um confronto, ora se aproximando de algumas ideias, ora se distanciando (Rezende, 2011).

Apesar do Surrealismo utilizar-se da Psicanálise como uma filosofia, é sabido que Freud não aprovava a arte moderna e é possível verificar sua postura em cartas escritas a Oskar Pfister e Karl Abraham, artistas expressionistas. Freud era admirador de artes clássicas e dizia “Nas pinturas clássicas procuro o inconsciente – em uma pintura surrealista, o consciente” e, sobre as artes Surrealistas se indignava dizendo “superabundância de matéria inconsciente, somada a uma fraca elaboração pré-consciente, não resulta numa obra de arte”. Breton chegou a se consultar com Freud e fez críticas a ele, “Um senhor pequeno-burguês sem ares de importância”, disse o artista (Aversa, 2018).

Os surrealistas utilizaram a loucura como forma de enunciação da verdade no campo da escrita. O que aparentemente era sem sentido ou delirante, sendo uma dissociação mental sem o controle da consciência, era apreciado e utilizado como chave para criação. A liberação do inconsciente se configura como um fundamental passo para

a liberação do próprio homem (Lemos, 2008). A Psicanálise propiciou ao Surrealismo uma base sólida para defender seus pensamentos e ideais, além de utilizar a literatura para suas construções, assim como a própria Psicanálise fazia. É possível citar o complexo Édipo e o narcisismo como exemplos de conceitos psicanalíticos retirados da literatura, porém o caso inverso acontece com o movimento surrealista (Limeira, 2010).

*“A Psicanálise, para o surrealismo, é uma teoria que reequilibra o aparelho psíquico e contribui para liberar o funcionamento do espírito, elucidando ao mesmo tempo, em parte os grandes enigmas da sexualidade e do amor. Ela perturba, enfim, a boa consciência da célula familiar, contra a qual o surrealismo não tem cessado de insurgir.” (SCHUSTER, 1991. p.33, citado por Limeira, 2010).*

O movimento surrealista propõe uma visão de liberdade da razão e controle do homem, uma perspectiva introjetada de olhar para si mesmo e para os instintos primários do ser humano, em busca de encontrar um homem novo e uma sociedade nova. Em sua primeira fase, utiliza a utopia do sonho, a restauração do instinto humano e sentimentos como ponto de partida para a nova forma de arte. O Surrealismo vai ao encontro com a psicanálise utilizando-se da livre associação com o que Breton chamava de escrita automática, assim como de análise de sonhos e sonhos hipnóticos (Hellmann, 2012).

A segunda fase do Surrealismo parte do seu encontro à Psicanálise por meio da aproximação de Lacan ao movimento e principalmente de Salvador Dalí, que traz a concepção da paranóia-crítica, uma atividade de interpretação da realidade de uma forma de noção irracional concreta, deixando a forma automática para trás e se aproximando do Dadaísmo. Lacan tem grande contribuição ao problema da paranóia e se debruça no autor para formular sua teoria (Santos, 2017).

Lacan encontrou limites no campo médico sobre a paranóia, da mesma forma que Freud com a histeria, o que o fez despertar seu interesse pela psicanálise em sua tese de

1932 sobre a psicose paranóica. Ele apresenta o conceito retirando as características de demência e as relaciona à personalidade. (Limeira, 2010).

A paranóia de Lacan é uma atividade de interpretação da realidade, deixando de ser algo automático, tomando então uma posição ativa, uma experiência privilegiada do inconsciente e diminuindo o uso do Ego. A paranóia, para o psiquiatra, estava escrita nos neurônios, e foi marcada por idéias de ciúme, prejuízo e uma grandiosidade na forma de uma missão a cumprir (Santos, 2017).

A partir do exposto, compreende-se que a psicanálise e o surrealismo possuem uma estreita ligação, a psicanálise encontra seus construtos e manifestação do inconsciente na arte, através dela o artista transforma seus desejos em expressões simbólicas. O surrealismo não significa o contrário da realidade ou loucura sendo a verdade do sujeito a própria verdade, assim como na psicanálise, a história da psicanálise tem muitas relações com o surrealismo assim como o contrário e para o seu estudo elas estão indissociáveis.

## 2. MÉTODO

Para a construção desse trabalho foi utilizado o método de pesquisa de revisão da literatura, que tem por objetivo fazer avaliações críticas de materiais já publicados, levando em consideração o decorrer do desenvolvimento da temática a ser abordada até o momento da pesquisa.

### **Fonte de dados**

Foram utilizados como meios de pesquisas às bases eletrônicas de busca do Google Acadêmico (Google Scholar), a biblioteca virtual Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e as bases de teses e dissertações. A pesquisa foi voltada para estudos com fundamentações teórico-filosóficas dentro das perspectivas psicanalíticas sobre a definição de surrealismo, associação entre a psicanálise e o surrealismo, e a importância dos dois temas para construção de ambos, juntamente com as pesquisas em livros físicos de autores da abordagem. Os descritores utilizados foram psicanálise *or* psicanálise e surrealismo, surrealismo *or* movimento surrealista, psicanálise *or* movimento artístico, lacan e freud e arte.

Foram considerados para inclusão e análise, trabalhos disponibilizados completa e gratuitamente nas plataformas previamente mencionadas nos idiomas português e inglês. Para tal, o trabalho deve conter, ainda que não de forma exaustiva, aspectos que relacionam o Surrealismo em relação às teorias Psicanalíticas, abrangendo tanto aspectos teórico-filosóficos como prático-metodológicos. Os componentes de análise a serem avaliados qualitativamente, serão os embasamentos teóricos que fundamentam ou legitimam a forma como a psicanálise observa o surrealismo e ao contrário.

### **Procedimentos**

Utilizando a base de dados, termos e critérios anteriormente explicitados, foi realizada a leitura dos títulos e resumos dos artigos recuperados, ainda que não

possuísem de forma explícita todos os descritores utilizados no processo de busca desse trabalho. A partir disso, algumas publicações foram selecionadas para a etapa seguinte, e outras foram excluídas da revisão. Na segunda etapa, a leitura integral de cada artigo foi feita, verificando se todas as publicações se enquadraram nos critérios de inclusão. Nesta etapa também foram extraídas as informações relevantes para esta revisão.

Foram extraídas informações relativas à publicação, sendo: ano de publicação, autores, delineamento do estudo, objetivo e foco do estudo. E foram verificadas informações metodológicas e relativas aos resultados.

**3. RESULTADOS**

**4. DISCUSSÃO**

## REFERÊNCIAS

Bierdosf, R. K., & Wandscheer, M. F. (2011). Arte, uma necessidade humana: Função social e educativa. *Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí - UFG*. 2 (11). Recuperado em 18 abril 2022 in <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUK EwjJnbnenq73AhUDHLkGHelDANMQFnoECBwQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.revistas.ufg.br%2Ffrir%2Farticle%2Fdownload%2F20333%2F11824%2F84784&usg=AOvVaw3ULGODWP1KJDWNgpYowXLf>

Soares, A. C. (2017). História da Arte. Uninta. [https://md.uninta.edu.br/geral/historia-da-arte/História\\_da\\_Arte.pdf](https://md.uninta.edu.br/geral/historia-da-arte/História_da_Arte.pdf)

Pereira, J. A. F. (1994). A alteridade da arte: estética e psicologia. Instituto de Psicologia – USP. *Pepsic*. Recuperado em 18 abril 2022, in [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51771994000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771994000100004)

Magalhães, R. C. (2008). História da arte ou Estória da arte?. *Varia História*. 24 (40). 407 – 418. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752008000200004>

Santos, L. R. (2010). A concepção Kantiana da experiência estética: novidades, tensões e equilíbrios. *Trans/Form/Ação*. 33 (2). 35-76. <https://doi.org/10.1590/S0101-31732010000200004>

Celes, L. A. (2005). Psicanálise é trabalho de fazer falar, e fazer ouvir. *Psychê*. 9 (16). 25 – 48. Recuperado em 18 abril 2022, in <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v9n16/v9n16a03.pdf>

Nishikawa, E., Fiore, M. L., & Hardt, O. (2017). Histeria e borderline movimentos da clínica psicanalítica. *Jornal de Psicanálise*. 50 (93). 273 – 289. *Pepsic*. Recuperado em 18 abril 2022, in <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v50n93/v50n93a22.pdf>

Carvalho, V. O., & Honda, H. (2017). Fundamentos da associação livre: uma valorização da técnica da psicanálise. *Analytica - Revista de Psicanálise*. 6 (1). *Pepsic*. Recuperado em 04 junho 2022, in <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v6n10/05.pdf>

Pereira, J. A. F. (1999). Entre os sonhos e a interpretação: aparelho psíquico /aparelho simbólico. *Psicologia USP*. 10 (1). <https://doi.org/10.1590/S0103-65641999000100010>

Vilaça, G. M. (2019). A construção do conceito de ego da segunda tópica freudiana. Monografia apresentada ao curso de Especialização em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/32225/1/A%20constru%20do%20conceito%20de%20ego%20da%20segunda%20t%20pica%20freudiana.pdf>

Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica. (05 abril 2019). O que é subjetividade? Conceitos e Exemplos. In Exemplos de Subjetividade. Psicanálise e Clínica. <https://www.psicanaliseclinica.com/o-que-e-subjetividade/>

Torezan, Z. C. F., & Aguiar, F. (2011). O Sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. 11 (2). 525 – 554. *Pepsic*. Recuperado em 18 abril 2022, in [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482011000200004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004)

Machado, R. N. S., & Silva, M. D. (2018). Arte visionária e surrealismo: estabelecendo relações comparativas. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*. 39 (1). 21-34. *Pepsic*. Recuperado em 02 novembro 2021, in [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-54432018000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-54432018000100003&lng=pt&nrm=iso)

Portilho, J. L. (2019). Lacan e o Surrealismo: inspirações para um conceito de objeto. P8521. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-06122019-184729/publico/2019\\_JulianaLabatutPortilho\\_VOrig.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-06122019-184729/publico/2019_JulianaLabatutPortilho_VOrig.pdf)

Ponge, R. (2004). Notas sobre a recepção e presença do surrealismo no Brasil nos anos de 1920-1950. *Alea*. 6 (1). 53-65. <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2004000100005>

Tringali, D. (1990). Dadaísmo e Surrealismo. *Itinerários – Revista de Literatura*. Recuperado em 02 novembro 2021, in <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/issue/view/217>

Aversa, P. C. (2018). O trabalho do sonho na poética surrealista. *Revista Ágora – Estudos em teoria Psicanalítica*. 21 (1). 127-137. <https://doi.org/10.1590/1809-44142018001012>

Rezende, J. N. (2011). A inscrição do movimento artístico surrealista interrogando a escrita de Lacan. *Reverso*. 33 (61). 67-74. *Pepsic*. Recuperado em 02 novembro 2021, in [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952011000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000100008)

Lemos, D. B. (30 junho 2008). O movimento surrealista e o campo das psicoses. Projeto Wikipedia [https://www.ufrgs.br/psicopatologia/wiki/index.php?title=O\\_movimento\\_surrealista\\_e\\_o\\_campo\\_das\\_psicoses](https://www.ufrgs.br/psicopatologia/wiki/index.php?title=O_movimento_surrealista_e_o_campo_das_psicoses)

Limeira, C. S. (2010). *Psicanálise e Surrealismo: Uma análise lacaniana do Método Paranóico-Crítico de Salvador Dalí*. L733p. Dissertação de mestrado, Universidade federal de Santa Catarina. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/94650/278775.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Santos, L. G. (2017). Surrealismo e Psicanálise: O Inconsciente e a paranoia. *Dossiê Arte e Psicanálise. ArtEFilosofia*. 23. 178-191. Recuperado em 02 novembro 2021, in <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/1271>

Hellmann, R. M. (2012). A Trajetória da arte Surrealista. *Revista Nupem*. 4 (6). Recuperado em 02 novembro, 2021, in <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/view/219>

E-mail: [avila.gih@gmail.com](mailto:avila.gih@gmail.com)